

**A EMPATIA - A CAPACIDADE DE ILUMINAR AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:
UM ESTUDO ENTRE CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS PAULISTAS**

***EMPATÍA - LA CAPACIDAD DE ILUMINAR LAS RELACIONES
INTERPERSONALES: UN ESTUDIO ENTRE NIÑOS DE ESCUELAS PÚBLICAS DE
SÃO PAULO***

***EMPATHY - THE ABILITY TO ILLUMINATE INTERPERSONAL RELATIONSHIPS:
A STUDY AMONG CHILDREN IN SÃO PAULO STATE PUBLIC SCHOOLS***

Larissa Di Genova BONI¹
Fernanda Issa de Barros FARHAT²
Cecília Beatriz MORENO³

RESUMO: Este artigo apresenta uma pesquisa descritiva que contou com a participação de crianças, estudantes de duas diretorias da rede de ensino público estadual paulista: a DRE “Leste 3” na região metropolitana de São Paulo, com 824 respondentes, e a DRE de Taquaritinga, no interior paulista, com 225 crianças que responderam à pesquisa, totalizando 1049 participantes. O objetivo foi identificar os níveis de empatia apontados por estudantes dos anos iniciais. Para isso, utilizamos um questionário com perguntas fechadas, dividido em duas partes: na primeira, contendo 13 perguntas, buscamos identificar o perfil do estudante e, na segunda, com oito questões, objetivamos visualizar os níveis de empatia. O questionário foi construído por membros do GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral a partir da literatura atual. As alunas e os alunos responderam de maneira online, por meio de um formulário do *Google Forms*. Os resultados indicaram o quanto as crianças sinalizam conseguirem se sensibilizar com o sentimento dos colegas e mostra que o autocontrole ainda está em construção nesta etapa do desenvolvimento entre as crianças participantes da investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia. Crianças. Ambiente solidário. Convivência ética.

RESUMEN: *Este artículo presenta una investigación descriptiva que contó con la participación de niños, estudiantes de dos juntas directivas de la red de educación pública del estado de São Paulo: la DRE "Leste 3" en la región metropolitana de São Paulo, con 824 encuestados, y la DRE de Taquaritinga, en el interior de São Paulo, con 225 niños que respondieron a la encuesta, totalizando 1049 participantes. El objetivo fue identificar los*

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Mestrado em Educação Escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0796-9124>. E-mail: larissa.genova@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Mestranda em Educação Escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8274-9095>. E-mail: fernanda.issa@unesp.br

³ Universidad Católica Argentina (UCA), Mendoza – Argentina. Professor Pesquisador do Programa de Pesquisa em Psicologia. Doutoranda em Psicologia (UNSL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2161-3167>. E-mail: cecilia_moreno@uca.edu.ar

niveles de empatía señalados por los estudiantes desde los primeros años. Para ello, utilizamos un cuestionario con preguntas cerradas, dividido en dos partes: en la primera, que contiene 13 preguntas, se intentó identificar el perfil del alumno y, en la segunda, con ocho preguntas, se pretendió visualizar los niveles de empatía. El cuestionario fue construido por miembros del GEPEM - Grupo de Estudios e Investigación en Educación Moral a partir de la literatura actual. Los estudiantes respondieron en línea a través de un formulario de Google Forms. Los resultados indicaron cuánto señalan los niños para sensibilizarse con el sentimiento de sus colegas y muestran que el autocontrol aún está en construcción en esta etapa del desarrollo entre los niños que participan de la investigación.

PALABRAS CLAVE: Empatía. Niños. Ambiente solidario. Convivencia ética.

ABSTRACT: This article presents a descriptive research that included the participation of children, students from two directorates of the São Paulo state public education network: the DRE “Leste 3” in the metropolitan region of São Paulo, with 824 respondents, and the DRE of Taquaritinga, in São Paulo’s countryside, with 225 children who responded to the survey, totaling 1049 participants. The objective was to identify the levels of empathy pointed out by students in the initial years. For this, we used a questionnaire with closed questions, divided into two parts: in the first, containing 13 questions, we seek to identify the student's profile and, in the second, with eight questions, we aim to visualize the levels of empathy. The questionnaire was built by members of the GEPEM - Group of Studies and Research in Moral Education from the current literature. The students responded online, through a Google Forms form. The results indicated how much children indicate that they are able to be sensitized to the feelings of their peers and show that self-control is still under construction at this stage of development among the children participating in the investigation.

KEYWORDS: Empathy. Children. Caring environment. Ethical school life.

Introdução

Compreendemos que a empatia é um sentimento muito estudado nos últimos anos na tentativa de buscar respostas para o aumento da violência, bem como suprir uma preocupação de docentes e familiares. É um sentimento que gera a comoção com o estado emocional do outro com quem se convive (LÓPES; ARÁN; RICHAUD, 2014).

Em estudos anteriores (LA TAILLE, 2006; 2009; TOGNETTA, 2009), percebemos que quanto mais conseguimos reconhecer nossos sentimentos, mais somos capazes de reconhecer os sentimentos das outras pessoas e, quanto mais conseguimos reconhecer os sentimentos e estados de ânimo nos outros, mais nos aproximamos das ações morais que tanto desejamos.

Assim, é evidente o papel das escolas em promover um ambiente favorável para o desenvolvimento desse sentimento tão importante às relações interpessoais. Por essas razões, a dimensão da empatia presente no questionário aplicado nesta investigação possibilita tanto a

docentes pensarem nas ações promotoras desse sentimento quanto aos respondentes se autoavaliarem sobre o quanto têm sido empáticos na relação com os outros.

Porque a empatia é necessária nas relações?

A empatia tem um papel relevante na infância e adolescência, porque possui um fator que inibe o comportamento antissocial, além de promover a adaptação pessoal e social (GÓMEZ-ORTIZ; ROMERA-FÉLIX; ORTEGA-RUIZ, 2017).

Alguns pesquisadores discutem a empatia a partir de uma abordagem multidimensional, que inclui tanto a dimensão cognitiva quanto a dimensão afetiva (DECETY; JACKSON, 2004; MORENO; SEGATORE; TABULLO, 2019; RICHAUD; LEMOS; OROS, 2013).

Gutiérrez, Escartí e Pascual (2011) encontraram em uma investigação com 822 alunos com idade entre 8 a 15 anos, pertencentes a 11 escolas da comunidade Valenciana, resultados positivos sobre o comportamento pró-social, a empatia e a responsabilidade pessoal e social dos estudantes, enquanto a agressividade mostrou relações negativas. Assim, as implicações para a educação mostram que o desenvolvimento psicológico e emocional positivo facilita as relações interpessoais ou grupais (GUTIÉRREZ; ESCARTÍ; PASCUAL, 2011).

As crianças que apresentam altos níveis de empatia possuem maior comportamento cooperativo (RUMBLE; VAN LANGE; PARKS, 2010). Portanto, desenvolver a empatia é uma das formas de possibilitar que as ações dos seres humanos sejam mais solidárias e mais respeitosas.

A empatia é uma habilidade que oportuniza perceber as necessidades e partilhar os sentimentos de outras pessoas. Como vimos, tal capacidade é própria do ser humano, ou, segundo Krznaric (2015), do “homo Empathicus”. Para o autor, a empatia é “a arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações” (KRZMARIC, 2015, p. 10). Para ele, a empatia é poderosa para favorecer transformações sociais e políticas, assim como para provocar uma revolução nas relações humanas.

O desenvolvimento da empatia possui diferentes variáveis, por exemplo, estudos têm sugerido que meninas têm maiores índices de empatia na infância quando comparadas com meninos, por exemplo, com uma amostra composta por 139 participantes, de dez a 12 anos, destacaram diferenças significativas entre meninos e meninas, com pontuações mais altas nas meninas em comparação aos meninos (GARAIGORDOBIL; GALDEANO, 2006). Pesquisas

atuais também mostram que isso se estende para a vida adulta, quando apresenta que as mulheres parecem mostrar maior habilidade de empatia em comparação aos homens (GUTIÉRREZ *et al.*, 2021).

É nesse sentido que compreendemos a importância da escola e da interação entre gêneros, para que se possam superar barreiras do sexismo que, muitas vezes, estigmatiza o controle das emoções e mesmo a sensibilidade ao estado do outro como algo que deve ser apenas do feminino.

Falcone (1998) e outros autores (FREY; HIRSCHSTEIN; GUZZO, 2000; STEPHAN; FINLAY, 1999), esclarecem que a empatia incide em uma habilidade de comunicação que está fortemente relacionada à formação de vínculos afetivos e à uma adequada qualidade dos relacionamentos interpessoais. Essa construção de vínculos positivos que é compreendida pela capacidade de “sentir o outro por dentro” seria a tradução que vem do termo em alemão *Einführung*, que pode ser explicado por uma percepção afetiva do sentimento alheio (RICARD, 2015). Isto posto, a “empatia afetiva” está correlacionada à conexão entre a situação e os sentimentos entre as pessoas. Esse aspecto assume um papel extremamente importante, pois além de representar mentalmente como o outro pode vir a sentir, é necessário que se sensibilize por essa dor (LA TAILLE, 2002).

Por conseguinte, Piaget (1932) chamou essa possibilidade de olhar para a dor do outro como uma espécie de simpatia, tomada aqui como sinônimo da empatia em sua gênese (TOGNETTA, 2009). Assim, para Piaget, a simpatia é um sentimento moral já presente nas primeiras relações que as crianças têm com seus pares, ainda que, no despertar do senso moral, não se conservando em diferentes situações. Em concordância, La Taille (2009) alude que essa capacidade é identificada nas crianças desde pequenas e explica o quanto é extraordinária, do ponto de vista que empatia, enquanto estado afetivo, se refere à “capacidade de compenetrar-se dos sentimentos de outrem” (definição do Dicionário Houaiss). É por meio desta capacidade de comoção, de começar a “olhar” para o outro, que as crianças iniciam o sensível processo de *prestar atenção* às necessidades das pessoas. Contudo não “exclusivamente” prestar atenção, mas preocupar-se com o que é importante para o outro (LA TAILLE, 2009).

Outrossim, é preciso salientar que a empatia não está relacionada ao ato de ser uma pessoa simpática, mas, sim, a uma sensibilidade para com o estado emocional de outrem (TOGNETTA, 2009). Ademais, é possível compreender que a empatia, enquanto sentimento moral, é investimento para as ações morais. Quem é capaz de se colocar no lugar do outro, percebê-lo, sensibilizar-se com sua dor estará muito mais propenso a se engajar numa conduta

moral como ajudar e escutar quem sofre. E certamente, como diferentes pesquisas têm indicado, essas condutas pró-sociais como ajudar, ouvir, acolher, podem favorecer a melhoria das relações interpessoais (MORENO; SEGATORE; TABULLO, 2019). Do contrário, a ausência deste sentimento parece indicar indiferença (RICARD, 2015).

A importância da empatia para as relações entre pares e a superação de situações de intimidação

A empatia é um elemento associado à redução da agressividade (BATANOVA; LOUKAS, 2015). Menesini, Camodeca e Nocentini (2010) afirmam que os jovens que se envolvem em situações de bullying têm sido considerados como tendo menor empatia, ou seja, estar envolvido em situações de bullying está relacionado a baixos níveis de empatia.

Por outro lado, em uma investigação com 125 crianças de primeira, terceira e quinta séries mostrou que existe uma relação entre empatia e aceitação no grupo de pares, indicando que as crianças com um alto nível de aceitação por seus pares são mais empáticas, mostrando uma sensibilidade ao sofrimento dos outros (DEKOVIC; GERRIS, 1994).

Interessantemente, uma pesquisa realizada com 172 participantes, com base em dimensões de autorrelatos multidimensionais, identificou a relevância da função empática para contribuir com o perdão e recomendam o investimento nessa capacidade como um meio favorável para superar a mágoa (PINHO; FALCONE; SARDINHA, 2016).

Um dos programas mundiais para o desenvolvimento da empatia chama-se Roots of Empathy, desenvolvido no Canadá, em 1995, por Mary Gordon. O programa consiste em levar bebês, que são usados como professores, para as salas de aula, formadas por alunos com idades entre cinco e 13 anos. Os alunos e alunas têm a oportunidade de elaborar atividades que consistem em demonstrar emoções, reproduzindo expressões faciais que os seres humanos fazem quando estão zangados, felizes ou envergonhados. As crianças elaboram trabalhos teatrais fundamentados em empatia e utilizam essa situação como um ponto de partida para fazer dramatizações e outras atividades em torno de questões como, por exemplo, quando uma criança ou adolescente é intimidado no recreio, para que, com base nessa experiência, se possa promover a empatia. Assim, possibilita-se a habilidade de compreender como os outros se sentem e, por conseguinte, tornam-se indivíduos mais tolerantes e empáticos. Objetiva-se que os alunos e alunas construam uma sociedade em que tenham oportunidades de ações de cuidado e paz. Por meio dessa experiência, eles e elas vivenciam a arte de se colocar no lugar do outro

e vão aprimorando suas capacidades emocionais. Esse processo caminha para a reflexão e construção de um raciocínio emocional e moral (GORDON, 2001).

Ditas tais considerações sobre um sentimento tão poderoso, como estudantes de anos iniciais do Ensino Fundamental apontam demonstrar a empatia entre seus pares? É o que passamos a apresentar.

Metodologia

Essa investigação faz parte de uma pesquisa maior realizada com crianças e adolescentes de escolas públicas estaduais paulistas durante a pandemia da COVID-19 (TOGNETTA, 2022), bem como da pesquisa de mestrado intitulada “A relação entre bullying, empatia e pró-socialidade de estudantes pertencentes às escolas públicas da rede estadual de São Paulo” conduzida por Larissa Di Genova Boni.

Trata-se de uma pesquisa descritiva que contou com a participação de crianças, estudantes de duas diretorias da rede de ensino público estadual paulista: a DRE “Leste 3” na região metropolitana de São Paulo, com 824 respondentes, e a DRE de Taquaritinga, no interior paulista, com 225 crianças que responderam à pesquisa, totalizando 1049 respostas.

O objetivo foi identificar os níveis de empatia apontados por estudantes dos anos iniciais. Para isso, utilizamos um questionário com perguntas fechadas, dividido em duas partes: na primeira, contendo 13 perguntas, buscamos identificar o perfil do estudante e, na segunda, com oito questões, objetivamos visualizar os níveis de empatia. O questionário foi construído por membros do GEPEM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral a partir da literatura. As alunas e os alunos responderam de maneira online, por meio de um formulário do *Google Forms*. Foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os pais, mães e/ou responsáveis e, após o retorno do termo assinado, o estudante foi liberado para o preenchimento. Essa pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara/SP sob o número de registro CAAE: 42330421.6.0000.5400.

Os resultados encontrados

Entre os participantes do estudo, 51,8% eram do sexo feminino, 48,3% do sexo masculino. A maior parte deles, 42,1%, relatou ser da cor branca, seguido por 37,5% de pardos, 9,6% de negros, 0,4% de origem oriental (amarelos), 0,8% de indígenas e 9,8% deles não souberam responder sobre sua raça/etnia. Um dado importante refere-se ao fato de que 9,4% de familiares foram atingidos pelo desemprego, revelando que a pandemia de COVID-19 afetou a vida de várias pessoas. Nota-se também pelos dados que 79,8% das crianças têm como principal responsável as mães.

Sobre a possibilidade de se sensibilizar com o estado emocional do outro, presente no item “Quando vejo alguém chorar também tenho vontade de chorar”, podemos observar que, dentre os estudantes, a maioria das respostas (50,4%) informaram que *algumas vezes* sentem vontade de chorar quando veem alguém chorar, embora uma minoria, não chegando a 20%, o fazem sempre ou na maior parte das vezes que se deparam com essa situação.

Gráfico 1 – Respostas das crianças sobre ter vontade de chorar

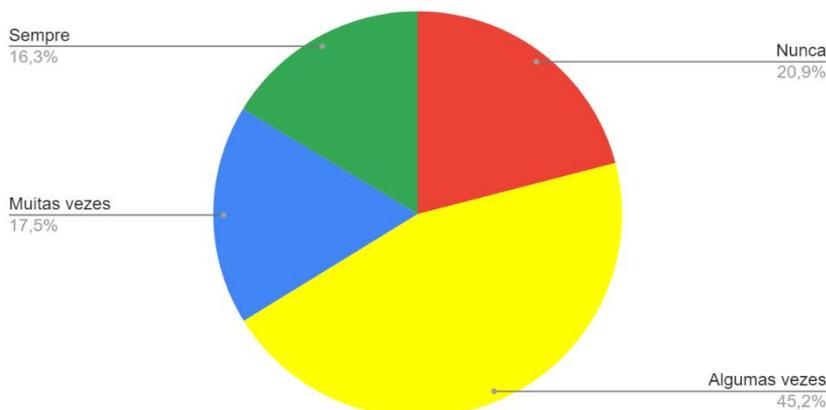


Fonte: Elaborado pelos autores

Da mesma forma, podemos notar que as respostas do item “Quando estou com alguém que está triste também fico triste”, mostram que 45,2% das crianças algumas vezes têm capacidade de sentir tristeza nessa situação.

Gráfico 2 – Respostas das crianças sobre o sentimento de tristeza

5. Quando estou com alguém que está triste, também fico triste.

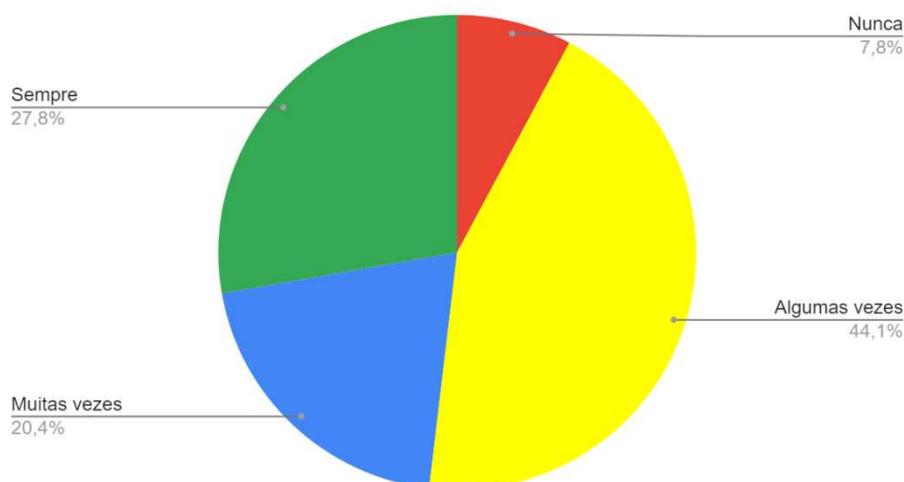


Fonte: Elaborado pelos autores

Ao observarmos outro item do questionário de empatia, “Percebo quando alguém está chateado”, as respostas demonstram que a tendência dos e das estudantes é perceber, novamente, o estado de ânimo dos outros colegas (27,8% sempre e 20,4% muitas vezes).

Gráfico 3 – Respostas das crianças sobre perceber o outro chateado

2. Percebo quando alguém está chateado.

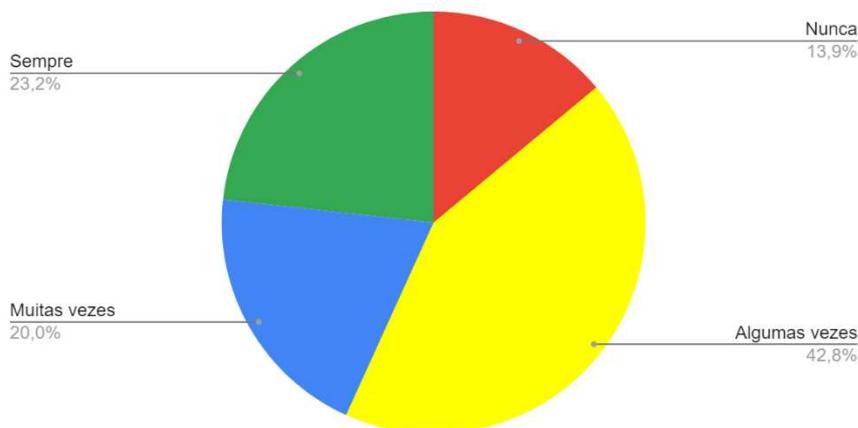


Fonte: Elaborado pelos autores

Da mesma forma, quanto ao item: “Mesmo que outra pessoa pense diferente de mim, eu consigo entendê-la”, novamente, a maioria das respostas dos participantes apresentou-se com uma frequência bastante grande.

Gráfico 4 – Respostas das crianças sobre entender o outro

3. Mesmo que outra pessoa pense diferente de mim eu consigo entendê-la.

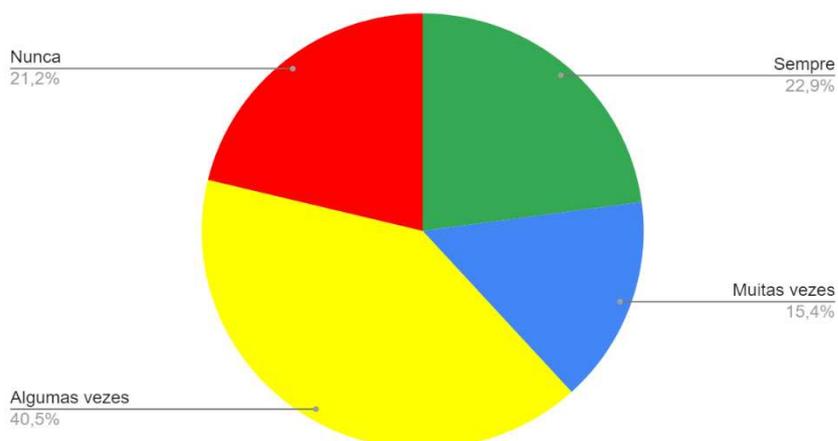


Fonte: Elaborado pelos autores

E quando precisam se autorregular? Como se apresentam as respostas de nossas crianças?

Gráfico 5 – Respostas das crianças sobre se auto regular

4. Quando fico com raiva, é difícil me acalmar.

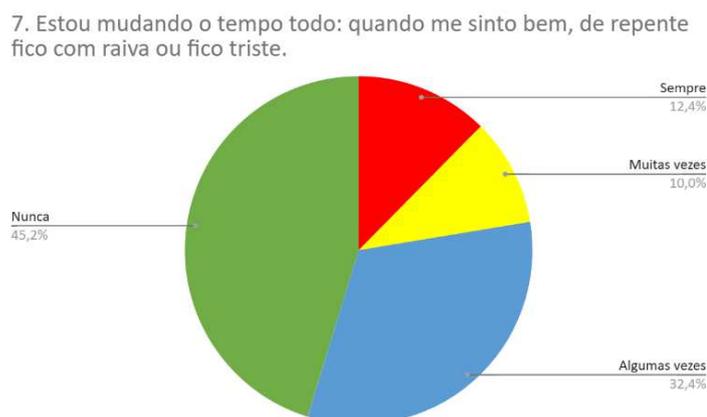


Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos notar que neste item “Quando fico com raiva, é difícil me acalmar”, que as respostas são invertidas e mostram a dificuldade de regulação das emoções, natural das crianças, e ainda, as frequências de respostas sempre ou muitas vezes (22,9% e 15,4% respectivamente) apontam para essa direção.

Nessa mesma perspectiva, os resultados quanto ao item “Estou mudando o tempo todo”, apontam a dificuldade de autorregulação entre as crianças quando comparamos com as demais frequências de respostas que foram apresentadas até aqui quando os itens se referem aos estados emocionais dos outros. Vejamos:

Gráfico 6 – Respostas das crianças sobre estar mudando o tempo todo



Fonte: Elaborado pelos autores

Vimos que mais de 20% (12,4% sempre e 10,05% muitas vezes) das respostas dos estudantes apontam para mudanças em seus estados emocionais. Este resultado corresponde ao que também foi encontrado, com os mesmos respondentes, acerca das mudanças de humor presentes em situações de sofrimento emocional, apresentadas em outra investigação paralela a esta. Assim, os resultados mostram que o autocontrole ainda está em construção nesta etapa do desenvolvimento entre as crianças participantes da investigação (TOGNETTA, 2022).

Por outro lado, considerando o contexto da pandemia da Covid-19, este resultado é consistente com outros em que também se observou instabilidade emocional. Uma pesquisa realizada com crianças e adolescentes argentinos explorou aspectos emocionais durante o confinamento e relatou problemas nos estados emocionais dos entrevistados, como dificuldade para dormir, ansiedade, angústia e instabilidade emocional (MORENO, 2021).

Assim, os resultados apontam que as crianças tendem, pelas próprias características da idade, a prestar mais atenção sobre os sentimentos alheios, contudo, não de uma maneira conservada. Da mesma forma, nosso estudo sobre empatia aponta que aqueles que não conseguem se controlar também tem dificuldade de se autoconhecer (22,9% das crianças apontam *sempre* sentir dificuldade de se acalmarem quando estão com raiva), indicando a

necessidade de lembrar o quanto experiências de transformar em palavras os sentimentos infantis são uma necessidade nas escolas.

Ao analisar os dados que retratam a frequência de situações em que há empatia em crianças, percebemos o quanto as instituições escolares são lugares privilegiados para que este sentimento seja desenvolvido. Em outros itens, os resultados apontam que as crianças, mesmo considerando-se tristes ou chateadas, sensibilizam-se frequentemente com o sentimento do outro. Do ponto de vista da Psicologia Genética Piagetiana (PIAGET, 1932/1994) a empatia (ou, como considerado por Piaget — a simpatia) é um dos primeiros sentimentos morais presentes no despertar do senso moral. É ela que, ainda sem a conservação necessária que consiga estabelecer uma hierarquia de valores na identidade de uma criança, pode mover os passos de quem está ainda aprendendo a conviver (LA TAILLE, 2006, 2009; TOGNETTA, 2009). Dar às crianças oportunidades de exercitarem este sentimento será uma condição nas escolas para que, progressivamente, suas respostas emocionais sejam engajadas em ações cada vez mais constantes de olhar, acolher e cuidar dos outros. Virtude da generosidade que tanta falta nos faz em tempos atuais.

Considerações finais

Essa investigação indica a relevância de que professoras e professores pensem nas ações promotoras do sentimento da empatia, e dos alunos se autoavaliarem sobre o quanto têm sido empáticos em suas relações com os outros. Os resultados indicaram o quanto as crianças sinalizam conseguirem se sensibilizar com o sentimento dos colegas e mostram que o autocontrole ainda está em construção nesta etapa do desenvolvimento entre as crianças participantes da investigação.

Dessa forma, buscamos mostrar que o desenvolvimento afetivo e, conseqüentemente, da moralidade de meninas e meninos é muito necessário, porque, como já dizia Piaget (1932/1994), essa dimensão humana só pode ser plenamente desenvolvida em situações de cooperação em que alunas e alunos experimentam regularmente situações de respeito mútuo, discussões coletivas das regras e a vivência de valores como a empatia, a solidariedade e a convivência democrática.

É importante o estabelecimento de relações de confiança e respeito mútuo presentes na escola, na cooperação entre os pares e na aplicação de sanções por reciprocidade e formas de resolução de conflitos, que permitam a reparação e a tomada de consciência por parte daqueles

que agem mal. Em uma palavra, é recomendado que a escola se torne um espaço de acolhida, de escuta e partilha, onde crianças tenham oportunidades de escolhas e de falarem o que sentem.

Concordamos com Zimmermann e Gontijo (2021), que indicam a importância da empatia dentro de uma sociedade, principalmente no âmbito dos Direitos Humanos.

A empatia pode ser um caminho para transformar vidas e promover mudanças sociais. Assim, consideramos a escola um ambiente importante para o seu desenvolvimento, que pode ser promotora de oportunidades para que os alunos e alunas possam refletir sobre seus próprios sentimentos e sobre os problemas dos pares, exercitando, dessa forma, o deslocamento de ponto de vista, ajudando-os (as) a descentrar-se, sentindo e demonstrando a empatia por outras pessoas.

Continuamos, enfim, com o desejo de que a promoção da convivência ética e a empatia sejam um compromisso das escolas e que consolide e garanta aos nossos estudantes, crianças e adolescentes o preparo para conviver respeitosamente na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BATANOVA, M.; LOUKAS, A. Empathy and Effortful Control Effects on Early Adolescents' Aggression: When Do Students' Perceptions of Their School Climate Matter? **Applied Developmental Science**, Oregon, v. 20, n. 2, p. 79-93, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10888691.2015.1067145>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- DECETY, J.; JACKSON, P. The Functional Architecture of Human Empathy. **Behavioural and Cognitive Neuroscience Review**, v.3, n. 2, p. 71-100, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1534582304267187>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- DEKOVIC, M.; GERRIS, J. R. M. Developmental analysis of social cognitive and behavioral differences between popular and rejected children. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 15, n. 3, p. 367-386, 1994. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Developmental-analysis-of-social-cognitive-and-andDekovi%C4%87-Gerris/c55b4a7c4e67ed51974b54e815f7ff3da4fb366c>. Acesso em: 12 set. 2020.
- FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-32, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2021.
- FREY, K. S.; HIRSCHSTEIN, M. K.; GUZZO, B. A. Segundo Passo: Prevenir a agressão promovendo a competência social. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, v. 8, n.

2, p. 102-112, 2000. Disponível em:
<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.951.5214>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GARAIGORDOBIL, M.; GALDEANO, P. G. Empatía en niños de 10 a 12 años. **Psicothema**, v. 18, n. 2, p. 180-186, 2006. Disponível em:
<https://www.psicothema.com/pi?pii=3195>. Acesso em: 23 mar. 2022.

GÓMEZ-ORTIZ, O.; ROMERA-FÉLIX, M.; ORTEGA-RUIZ, R. Multidimensionalidad de la competencia social: Medición del constructo y su relación con los roles del bullying. **Revista de Psicodidáctica**, v. 22, n. 1, p. 37-44, 2017. Disponível em:
<https://ojs.ehu.es/index.php/psicodidactica/article/view/15702>. Acesso em: 12 ago. 2020.

GORDON, M. Roots of Empathy. **Journal of Childhood Studies**, v. 26, n. 2, p. 4-7, 2001. Disponível em: <https://journals.uvic.ca/index.php/jcs/article/view/17614>. Acesso em: 12 jan. 2022.

GUTIÉRREZ, M. J. *et al.* **Does our cognitive empathy diminish with age?** The moderator role of educational level. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

GUTIÉRREZ, M., ESCARTÍ, A.; PASCUAL, C. Relaciones entre empatía, conducta prosocial, agresividad, autoeficacia y responsabilidad personal y social de los escolares. **Psicothema**, v. 23, n. 1, p. 13-19, 2011. Disponível em:
<https://www.psicothema.com/pii?pii=3843>. Acesso em: 14 maio 2021.

KRZYNARIC, R. **O poder da empatia:** A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LA TAILLE, Y. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 19, n. 1, p. 9-17, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/prc/a/6gBDyv6Lnnw4ZyPrfX3rhcR/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LA TAILLE, Y. Construção da consciência moral. **Prima Facie Revista de Ética**, p. 7-30, 2009. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/225/1/01d11t03.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

LA TAILLE, Y. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/prc/a/xmvVfw4wNhhJVw53SZfQZLy/?format=pdf&lang=pt>. Disponível em: 08 maio 2021.

LÓPEZ, M. B.; ARÁN, F. V.; RICHAUD, M. Empatía: Desde la percepción automática hasta los procesos controlados. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 37-51, 2014. Disponível em:
<https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/apl32.1.2014.03>. Acesso em: 25 maio 2021.

MENESINI, E.; CAMODECA, M.; NOCENTINI, A. Bullying among siblings: The role of personality and relational variables. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 28, n. 4, p. 921-939, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21121475/>. Acesso em: 06 out. 2020.

MORENO, C. B.; SEGATORE, M. E.; TABULLO, A. J. Empatía, conducta prosocial y bullying: Las acciones de los alumnos espectadores. **Estudios sobre Educación**, v. 37, p. 113-134, 2019. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/estudios-sobre-educacion/article/view/35265>. Acesso em: 11 maio 2021.

MORENO, C. Salud mental y aprendizaje de niños, niñas y adolescentes durante la pandemia. *In: REUNIÓN NACIONAL E INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE CIENCIAS DEL COMPORTAMIENTO*, 18., 2021, Mar del Plata. **Abstracts** [...]. Mar del Plata: AACC, 2021. Disponível em: <https://2021.encuentraaacc.ar/repositorio/simposios/id-775-simposio9.html?v=1.0>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PIAGET, J. **Le jugement moral chez l'enfant**. Paris: F. Alcan, 1932.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PINHO, V. D.; FALCONE, E. M. O.; SARDINHA, A. O papel preditivo da habilidade empática sobre o perdão interpessoal. **Temas em Psicologia, Ribeirão Preto**, v. 24, n. 4, p. 1507-1518, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000400017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 nov. 2020.

RICARD, M. **A revolução do altruísmo**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

RICHAUD, M. C.; LEMOS, V. N.; OROS, L. Cuestionario Multidimensional de Empatía para Niños de 9 a 12 años. *In: CONGRESO INTERAMERICANO DE PSICOLOGÍA*, 34., 2013, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://sipsych.org/cip/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

RUMBLE, A. C.; VAN LANGE, P. A. M.; PARKS, C. D. The benefits of empathy: When empathy may sustain cooperation in social dilemmas. **European Journal of Social Psychology**, v. 40, n. 5, p. 856–866, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ejsp.659>. Acesso em: 29 out. 2020.

STEPHAN, W. G.; FINLAY, C. O papel da empatia na melhoria das relações intergrupais. **Revista de Assuntos Sociais**, v. 55, n. 4, p. 729-743, 1999. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/0022-4537.00144>. Acesso em: 12 dez. 2021.

TOGNETTA, L. R. P. **A formação da personalidade ética: Estratégias de trabalho com a afetividade na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

TOGNETTA, L. R. P. (org.). **A Convivência como Valor nas Escolas Públicas: implantação de um Sistema de Apoio entre Iguais**. São Paulo: FIS; FCC, 2022. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2022/05/pesquisa-ita-social-anos-finais-451.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ZIMMERMANN, N.; GONTIJO, D. F. Empatia: Uma das raízes dos Direitos Humanos
Empathy: One of the roots of Human Rights. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 7, p. 73556-73572, jul. 2021. Disponível em:
<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/33345>. Acesso em: 25 mar. 2020.

Como referenciar este artigo

BONI, L. D. G.; ISSA, F.; MORENO, C. B. A empatia - A capacidade de iluminar as relações interpessoais: Um estudo entre crianças de escolas públicas paulistas. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. esp. 3, e022098, jul. 2022. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26iesp.3.16958>

Submetido em: 23/11/2021

Revisões requeridas: 16/01/2022

Aprovado em: 08/03/2022

Publicado em: 01/07/2022